



## **Glauber Rocha e os militares brasileiros antes e depois do golpe de 1964**

Gilberto Felisberto Vasconcellos<sup>1</sup>

### **Resumo**

Este artigo aborda a compreensão glauberiana do papel dos militares no processo político brasileiro desde a Guerra do Paraguai, passando pelo suicídio de Getúlio Vargas em 1964 e a derrubada de João Goulart dez anos depois. Não deixa de mencionar a problemática da atualidade com o ex-capitão Jair Bolsonaro que chegou ao poder e acentuou o caráter vendepátria de alguns militares, porém o cineasta faz questão de distinguir o “milico” vendido do militar nacionalista e anti-imperialista.

**Palavras-chave:** Nacionalismo, imperialismo, colonialismo.

## **Glauber Rocha y los militares brasileños antes y después de la golpe de 1964**

### **Resumen**

Este artículo aborda la comprensión de Glauber sobre el papel de los militares en el proceso político brasileño desde la Guerra de Paraguay, pasando por el suicidio de Getúlio Vargas en 1964 y el derrocamiento de João Goulart diez años después. No deja de mencionar el problema actual con el excapitán Jair Bolsonaro, quien llegó al poder y acentuó el carácter de vendepatria de algunos militares, pero el cineasta insiste en distinguir la “milicia” vendida de la nacionalista y anti -militar imperialista.

**Palabras-clave:** Nacionalismo, imperialismo, colonialismo.

## **Glauber Rocha and the brazilian military before and after the coup d'état in 1964**

### **Abstract**

This article addresses Glauber's understanding of the role of the military in the Brazilian political process since the Paraguayan War, passing through the suicide of Getúlio Vargas in 1964 and the overthrow of João Goulart ten years later. He does not fail to mention the current problem with the former captain Jair Bolsonaro, who came to power and accentuated the sell-the-country character of some military personnel, but the filmmaker makes a point of distinguishing the sold “militia” from the nationalist and anti-imperialist military.

**Key words:** Nationalism, imperialism, colonialism.

<sup>1</sup> Graduou-se em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (1972) e também nessa universidade concluiu seu doutorado em (1977). Atualmente é professor da Universidade Federal de Juiz de Fora. Tem experiência na área de sociologia, com ênfase em sociologia da cultura e sociologia política, atuando principalmente nos seguintes temas: pensamento social brasileiro, desenvolvimento, energia e folclore. E-mail: gilbertovasconcellos@yahoo.com.br



Mario Lago no papel de general parecido com Ernesto Geisel em Terra em Transe

Meu saudoso amigo e parceiro das letras J.W. Bautista Vidal insistia para que eu escrevesse sobre Glauber Rocha e os militares, assunto que remonta ao arraial de Canudos tematizado por Euclides da Cunha.

Personagem nuclear no universo glauberiano é Antônio Conselheiro, conforme se observa em seu filme Deus e o Diabo na Terra do Sol. A questão militar depois de 1964, se tiver como ponto de partida o ex-capitão bolsoneco no poder, continua sendo um quebra-cabeça.

Nacionalistas e marxista padeceram o diabo na prisão e no exílio. Exemplo digno de comunista é o historiador e general Nelson Werneck Sodré, para quem o golpe militar foi um infortúnio à civilização brasileira, de modo que nenhum “governo secreto” merece ser elogiado de Castelo Branco a João Batista Figueiredo.

Tomem-se outros perseguidos como Leonel Brizola e Darcy Ribeiro, exilados que não foram condescendentes com os generais golpistas incluindo Ernesto Geisel, o qual tem sido poupado pela historiografia liberal de esquerda e de direita, como se houvesse em seu governo um abrandamento na entrega do país ao imperialismo. Não há nada de entreguismo atenuante durante todo o período militar porque não foi rompida a diretriz que teve início com a derrubada de Joao Goulart. Afirmar que Geisel é uma espécie de Getúlio Vargas II, vendo

nele uma duplicação da substituição de importações, é abstrair da história o que aconteceu em 1964.

A historiografia superficial acerca da “substituição das importações” é repetida há quase meio século. O mundo indo bem lá fora e nós aqui nos danando; não só nós, como observou Gunder Frank, também México e África do Sul. O Brasil só progrediu no intervalo de duas guerras mundiais. A tese da Cepal ainda soa como se fosse uma lâmpada de Aladim: antes se importava, doravante será aqui produzido com tecnologia multinacional e na base da caixa preta com automóveis e eletrodomésticos.

Jotaká virou a Virgem Maria da democracia. Enquanto Europa e EUA estiveram entretidos consigo mesmos, aqui foi gerada uma repartição da renda de 30 a 40 com movimentos nacionalistas criando um mercado interno com produção de mercadorias que antes eram importadas. Foi a época de Vargas, Perón e Cárdenas. Em seguida houve a industrialização estrangeira do país, depois passamos a exportar os bens de produção feitos com capital estrangeiro.

Há que se evitar no balanço do regime civil-militar multinacional o fetichismo conjuntural em detrimento do fio estrutural da história. É que esse enredo está tecido com a ascensão reacionária de Jair Bolsonaro ao poder que sepultou o mistificado “nacionalismo” dos militares. O que de progressista foi feito pelo governo Geisel está inteiramente derruído com os frágeis alicerces históricos que não se sustentaram com os regimes militares e civis.

É inegável a ambivalência de Ernesto Geisel, ditador agente do subimperialismo à luz da abordagem marxista de Nelson Werneck Sodré e Ruy Mauro Marini, e considerado patriota na defesa da Petrobras, não obstante os contratos de risco (1976) sancionados pela indefectível Standard Oil. Tudo na América Latina depois de 1930 em termos de vassalagem econômica vai dar nos costados da Standard Oil, ainda que esta ganhe outras denominações no percurso de sua atuação imperialista.

Ernesto Geisel em seus momentos de lucidez política não chegou a fazer, nem poderia tê-lo feito, a autocrítica histórica do golpe anti-varguista de 1964. Que seja dito a propósito que o general jamais tentou ser um líder popular de índole bonapartista com ou sem partido de massa. Todavia, não é senão o ex-presidente que surge inevitavelmente quando se tenta neutralizar a imagem autocrática e desnacionalizada dos militares.

Glauber Rocha, militante cinematográfico, intérprete da história do Brasil, autor de vários livros e filmes aqui e no exterior (África, Itália e Espanha), considerou uma tragédia a derrubada de João Goulart. Andando por Cuba e América Latina, partilhou da concepção tricontinental guevarista que colocava, pelo menos até 1974, a antítese subdesenvolvimento e

revolução socialista. “Não sou garoto propaganda da Shell ou da Esso”. Chamando a atenção dos técnicos e engenheiros da Petrobras com o seu engenho metafórico barroco: “uma leitura atenta de Os Sertões pode revelar o mapa dos lençóis petrolíferos brasileiros: está tudo em código”.

Vale sublinhar que não se conhece nenhuma menção de Ernesto Geisel à defesa glauberiana de seu governo e de sua personalidade protestante. Outrossim, o mesmo ocorrerá com Bautista Vidal. Depois de ouvi-lo inúmeras vezes tecendo encômios ao ex-presidente, amiúde associado ao nome de Severo Gomes, empresário paulista que foi anti-Goulart, e ao ler o depoimento de Geisel em que não é citado Bautista Vidal (o Proálcool referido apenas uma vez), quis saber de meu amigo o motivo de o general ter sido parcimonioso em relação à importância do Proálcool e omitido o nome dele como cientista dos trópicos. Disse-lhe algo mais, lembrando que Geisel era o homem da Petrobras e que, bem considerando do ponto de vista civilizatório e da história da energia, o feito extraordinário de seu governo não foi senão ter materializado a gnose Bautista Vidal sobre a natureza dos trópicos úmidos. Autognose do Brasil. Trata-se da civilização da fotossíntese e superação dialética do petróleo, mas não o repúdio da Petrobras como empresa de energia. Afinal, o petróleo não é a última energia do mundo.

Homem vinculado ao petróleo, como foi o caso de Geisel, não quer dizer que entenda das matrizes energéticas; ademais, quem trabalha com o petróleo tende a pensar que o fóssil é insubstituível. Paradoxo à parte, é por isso que há ainda muita gente hostil ao álcool na Petrobras. Meu caro Bautista, eu acho que Ernesto Geisel não entendeu o álcool como uma dádiva dos trópicos, tal qual se diz que o rio Nilo é um dom do Egito. O ex-presidente não pensou o álcool além da contingência conjuntural do “embargo” em 1973, de resto como todos os outros dirigentes da República entreguista. O álcool é um tabu, mas deixará de sê-lo quando a Raizen tomar conta da terra, do combustível e dos óleos vegetais. Aí sim iremos aplaudir na telenovela e em todos os partidos políticos o estribilho de que o álcool é pop e agrobusiness.

Nunca me esquecerei que, por mais que tivesse dentre os presidentes militares admiração por Ernesto Geisel, disse-me Bautista Vidal que ele o militar o considerava um “megalomaniaco”. Entende-se por megalomania quem atribui aos trópicos o epicentro da história deste século em diante com o inevitável ocaso dos combustíveis fósseis. Escusado afirmar, no diálogo que não houve entre Bautista e Geisel, se o ex-presidente porventura teria conhecimento acerca das leis da termodinâmica.

Glauber Rocha foi contra a intervenção dos militares em 1964. Detalhe é que, três anos depois o filme *Terra em Transe* (1967) responde ao golpe de 64. O personagem militar Mario Lago, cantor da legendária Amélia que era mulher de verdade, por sinal comunista, é abordado com inegável simpatia; aliás os militares nesse arguto filme histórico não são considerados os agentes desse acontecimento histórico; na verdade quem articula o golpe de Estado é a mídia em conluio com as multinacionais, de modo que é o imperialismo o ator principal. Gunder Frank dirá a mesma coisa no calor da hora escrevendo artigo de jornal e apontando a Fiesp como artesã do golpe. Para o cineasta não procede a caracterização de 64 como um golpe inteiramente militar. A abordagem glauberiana não enfatiza o caráter manu militari como a causa histórica da deposição de João Goulart. A sua determinação em última instância foi de cunho civil e imperialista durante a Guerra Fria.

O único cineasta de sua geração que não assumiu uma posição antimilitar por princípio por isso estigmatizado de “louco” por todos os setores da cultura brasileira; por outro lado, os militares nunca estiveram dispostos a ver, ouvir e ler o que Glauber Rocha elaborou acerca deles mesmos depois da Guerra do Paraguai, a origem do plagiário Golbery do Couto e Silva e testa de ferro da química multinacional. O cineasta acabou sendo vítima da cesura esquizofrênica entre civis e militares.

Fato curioso é que durante a década de 70, seguindo as diretrizes interpretativas delineadas em *Terra em Transe*, Glauber Rocha tornar-se-á o paladino da “Abertura” na sociedade brasileira, dirigindo programa de televisão, declarando várias vezes que a iniciativa da distensão do regime viria do interior das Forças Armadas, focalizando em vários artigos a personalidade de Ernesto Geisel visto pelas torres barrocas de Brasília.

Cumprе ressaltar que para Glauber Rocha (investindo desde 1964 contra o sociólogo FHC do Cebrap) a característica essencial do regime militar não era o autoritarismo. Essa palavra na ciência política é conversa de urubu com bode. E mais: a semântica da palavra “abertura” designava a necessidade de uma autoanálise das Forças Armadas sob o signo do que é cultura brasileira, e não simplesmente da entrega do poder aos civis. O golpe de 64 foi monitorado pelos agentes imperialistas da Guerra Fria, porém Glauber Rocha não dá o menor crédito à expressão “ditadura militar” porque esta concedeu o poder aos tecnocratas civis pró norte-americanos: a ditadura é da burguesia civil colonizada pelo complexo dólar-Pentágono-Roliudi-FIESP. Essa é a mesma visão que tinha Bautista Vidal analisando a história do Brasil do ponto de vista energético e ecológico. Lastimável não tivesse tido o encontro desses dois baianos geniais na casa de João Carlos Teixeira Gomes em Salvador.

A burguesia prefere um regime parlamentar estável. O fascismo é um estado de sítio institucionalizado. Em 64 a burguesia estava a fim de acabar com as liberdades burguesas. O golpe de 64 não desfilou pelas ruas e Bolsonaro não conseguiu converter o 31 de março em dia de comemoração popular.

A pergunta sobre a finalidade nacional das Forças Armadas sob a égide de Bolsonaro parece carecer de sentido. É que um Exército cada vez menos nacional torna-se cada vez mais policial. A facção bolsonara no Exército foi a facção miliciana. Glauber Rocha não viu o piquenique sangrento do Haiti, para onde foram mandados os generais protobolsonaristas durante os governos Lula e Dilma a pedido da ONU. O general Heleno, dólar-pata enredado nas imobiliárias, amaldiçoou o chavista Simon Bolívar, o qual morou no Haiti. Não por acaso elogiou o general Santander fazedor de negócios e liberal mau caráter. A analogia com a guerra do Paraguai se impõe com a “ajuda humanitária” ao Haiti. O paraguaio Solano López morreu com “la espada en la mano”, enquanto o general Heleno voltou para casa com as escrituras imobiliárias de Miami debaixo do braço.

Os economistas civis e tecnocratas conduziram a política do regime militar, isto é, o regime das multinacionais. Todavia Glauber Rocha não se atem apenas à essa constatação ao proceder a análise sobre o papel dos militares na história do Brasil. Em seu filme *A Idade da Terra* (1980) o ator Tarcísio Meira é um general vestido de smoking tomando chop no bar amarelinho no centro do brizolândia.

Enquanto os artistas e intelectuais dão as costas à questão militar, Glauber Rocha reivindica a crítica das armas como um problema social, psíquico, político, econômico e cultural.

“Não se pode excluir as Forças Armadas do processo histórico brasileiro e latino-americano. Esta seria uma posição antidialética. Ruy Barbosa foi o grande responsável, aqui, pela campanha antimilitarista”. Outros Ruy Barbosas iriam mais tarde esquizofrenizar essa polaridade para gáudio do Pentágono.

Em 1977 Glauber Rocha se insurgiu contra uma “constituente baseada em Ruy & Nabuco”. A Abertura não deveria ser concebida como antinomia entre civis e militares. “Considero que a realidade do poder militar no Brasil é um dado histórico, que deve ser analisado seriamente. A classe militar é a única estruturada sociologicamente e psicologicamente, vale dizer, a única que é estruturada politicamente”.

A détente viria do interior das Forças Armadas: “Eu fechei com Geisel em 73, numa entrevista que eu dei para a revista *Visão*, e muita gente foi fechar depois. Na época me chamaram de louco, começou a queimação aí. Eu refleti no exílio que a solução militar para o

Brasil não era pior, que a pior era a democracia capitalista porque essa era corrupta”. Insista-se: essas declarações não são conjunturais ou episódicas, pois fazem parte orgânica de sua visão acerca do processo de colonização do Brasil.

Outro detalhe: o Exército preservaria a unidade da nação, que, segundo o cineasta, “está acima da luta de classes, isso é que os marxistas devem pensar: primeiro a nação porque se a nação se desagrega é invadida pelos multi-imperialismos. O Brasil pode ser ocupado como a África”. Outra advertência feita em 1979: “Os Estados Unidos do Brasil podem virar 22 multinacionais”. Minas Gerais Fiat, Bahia Ford e Rio Grande do Sul Rockefeller. Nação esfacelada.

O historiador Nelson Werneck Sodré havia insistido que os militares brasileiros não deveriam supor que somente eles são patriotas. Em 1977 Glauber Rocha evocou os seus contatos com João Goulart: “fui seu confidente no exílio. Nos últimos anos acreditava na via militar para o Brasil”.

Do que ele pensou, falou, filmou sobre os militares, a maledicência reteve apenas a frase dita em 1974: “O general Golbery é um gênio – o mais alto da raça, ao lado do professor Darcy Ribeiro”. Admitamos o equívoco quanto ao general com o seu soldo que vinha das multinacionais, mas soava escandalosamente irônica a frase de Glauber Rocha sobre Golbery, afinal Darcy Ribeiro era politicamente antípoda do general multinacionalizado. Como admitir dois antípodas gênios da raça - um assim posto ao lado do outro? É preciso salientar que nessa entrevista de 1974 ele falou o seguinte: “Estou certo inclusive que os militares são legítimos representantes do povo. Que entre a burguesia nacional internacional e o militarismo nacionalista, eu fico, sem outra possibilidade de papo, com o segundo”.

Ainda em 1974, carta ao crítico de cinema Paulo Emilio Salles Gomes, volta a enfatizar: “sou militarista terceiro-mundista e comprei capa verde numa boutique de Saint Germain. Sou sobretudo florianista e acho que o Exército é o legítimo representante do povo”. Em 1978 escreveu inspirado por João Guimarães Rosa o romance *Riverão Sussuarana*: “general tem de ser popular”. Para assumir a missão histórica de vanguarda armada do povo, as Forças Armadas deveriam fazer a autocrítica, deveriam se inteirar do que tem sido o processo da colonização superando os mimetismos ideológicos russos e ianques.

Glauber Rocha morreu em 1981 e não conheceu a formulação do historiador Nelson Werneck Sodré, segundo a qual 64 representou três coisas: 1) autofagia militar. Os militares deram um golpe contra si mesmos. 2) início da desestatização da sociedade brasileira. 3) abismo entre civis e militares.

Há um artigo notável publicado pelo cineasta em 1979 intitulado *Câncer na cultura brasileira*, um documento trágico denunciando o desencontro entre as Forças Armadas, o nacionalismo e os intelectuais brasileiros, em cujo contexto a mídia está a serviço dos interesses antinacionais.

A morfologia da língua portuguesa é alterada por Glauber a lembrar o idioma tupi-guarani: “a cultura brasileira está com câncer. A televisão contaminada por telenovelas ianques. Rádio e muoziquiz multiz surdando o povo”. As universidades não pensam o país e o povo. Universidades alienadas. “As elites intelectuais, a maioria de classe média, recebem bolsas de estudos das fundações ianques (Ford e Rockefeller, etc) e no parayzo rolyudiano estudam, decoram e juram servilismo perpétuo ao modelo yank. É o discurso retórico, fenomenológico, monetarista, inflacionário, que visa negar a brasyldade e afirmar o yanquismo. Os intelectuais vendidos a Wall Street estão contactados pelos agentes culturais da CIA. Daí a existência dos brasylyanystas que fizeram a cama do CEPRAP. O gancho do Pentágono funciona em São Paulo. O sociólogo FHC é o principal inimigo das Forças Armadas nacionais. O pensamento do professor Fernando Henrique Cardoso nega o Brasil”. Essa síntese é magistral e explica até o aparecimento do capitão Jair Bolsonaro, que é o yanquismo nas forças armadas como tropa de ocupação.

Atenção: na década de 70 Glauber Rocha preferiu Geisel ao CEPRAP. “Fernando Henrique Cardoso é um subcientista social. Não é, nunca foi nem será comunista. Fernando Henrique Cardoso é apenas um neocapitalista, um kennedyano, um entreguista, responsável pela organização das patrulhas ideológicas contra os intelectuais e artistas revolucionários e nacionalistas”.

A metástase cancerígena abrange a telenovela, a música popular multinacional, os brasilianistas, o CEPRAP, as universidades, o weberianismo colonizado Iuperj e a igreja de Dom Evaristo, o “cardeal de Berlim”. Os dois ícones civis da intelectualidade liberal, Celso Furtado e FHC, foram detonados por Glauber Rocha como porta-vozes na Wall Street. Para eles a revolução socialista seria pior do que a decadência capitalista.

Quando se esperava que um artista de vanguarda como Glauber Rocha fosse embarcar na onda antimilitar, ele denunciou a manobra da estratégia civil “porque tanto os Estados Unidos quanto a União Soviética não desejam um regime militar no Brasyl. Então a estratégia é desmoralizar as Forças Armadas. Um regime militar evita a dominação militar do Brasil pelos militares yankes e soviéticos”. Essa expectativa mudou completamente com Jair Bolsonaro no poder a representar o militar vende-pátria.

Muito do que Glauber Rocha falou deve ser revisto. Fazer análise histórica é comparar e prever. As Forças Armadas regrediram ao golpe de 1964, entraram em um processo de desmoralização histórica. Não há esperança no surgimento de liderança militar que seja nacionalista e anti-imperialista. Ao contrário, pululam generais cipaios do tipo Heleno, Mourão, Pazuello, Villas Boas. É o adeus definitivo aos generais que amavam o povo e o país. Lembrem-se do Marechal Henrique Teixeira Lott. Lembrem-se de Miguel Cavalcante Proença. Lembrem-se de Horta Barbosa. Lembrem-se Estilac Leal. A verdade, negada pelos antimilitares abstratos que confundem militar com milico, é que sem a presença das Forças Armadas é inconcebível a transformação histórica que elimine o subdesenvolvimento, a miséria e a dependência do país.

### Referências

FRANK, André Gunder. **O desenvolvimento do subdesenvolvimento**. Sinal, 1968.

GOMES, João Carlos Teixeira. **Glauber Rocha: esse vulcão**. Editora Nova Fronteira, 1997.

ROCHA, Glauber. **Revolução do cinema novo**. Editora Cosac Naify, 2004.

\_\_\_\_\_. **Riverão sussuarana**. Editora Record, 1978.

SODRÉ, Nelson Werneck. **Memórias de um soldado**. Civilização Brasileira, 1967.

\_\_\_\_\_. **Introdução à Revolução Brasileira**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1958.

TRÍAS, Vivián. **Simón Bolívar y el nacionalismo del Tercer Mundo**. L. Soares Editor, 1987.

VASCONCELOS, Gilberto Felisberto. **Glauber pátria Rocha livre**. Senac, 2001.

\_\_\_\_\_. **Gunder Frank: O enguiço das ciências sociais**. Editora Insular, 2014.

\_\_\_\_\_. **Darcy Ribeiro: a razão iracunda**. Ed. da UFSC, 2015